

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Prazer

MORTAL



BERTRAND BRASIL

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal

Glória Mortal

Eternidade Mortal

Êxtase Mortal

Cerimônia Mortal

Vingança Mortal

Natal Mortal

Conspiração Mortal

Lealdade Mortal

Testemunha Mortal

Julgamento Mortal

Traição Mortal

Sedução Mortal

Reencontro Mortal

Pureza Mortal

Retrato Mortal

Imitação Mortal

Dilema Mortal

Visão Mortal

Sobrevivência Mortal

Origem Mortal

Recordação Mortal

Nascimento Mortal

Inocência Mortal

Criação Mortal

Estranheza Mortal

Salvação Mortal

Promessa Mortal

Ligação Mortal

Fantasia Mortal

Prazer Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. ROBB

PRAZER
MORTAL

Tradução

Renato Motta

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2019

Copyright © 2009 by Nora Roberts
Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.

Título original: *Indulgence in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2018
Produzido no Brasil
Produzed in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Robb, J. D., 1950-
R545p Prazer mortal [recurso eletrônico] / Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb;
tradução Renato Motta. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
recurso digital (Mortal)

Tradução de: *Indulgence in death*
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-286-2432-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título. III. Série.
Série.

19-58996

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br ou (21) 2585-2002

Não cobiçarás; mas a tradição
Aceita todas as formas de concorrência.

— ARTHUR HUGH CLOUGH

A desventura de ser rico
É ter de conviver com as pessoas ricas.

— LOGAN PEARSALL SMITH

SUMÁRIO

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Um

A estrada era de matar, pouco mais larga que um fio de cuspe, e serpenteava como uma cobra por entre arbustos gigantes carregados com estranhas flores que se assemelhavam a gotas de sangue.

Ela precisava se lembrar de que aquela viagem tinha sido ideia sua — o amor também era uma coisa de matar —, mas como poderia adivinhar que dirigir no oeste da Irlanda significava arriscar a vida e a integridade física a cada curva do caminho?

Aquela era a Irlanda rural, lembrou, prendendo a respiração quando eles passaram por mais uma curva na Estrada da Morte, um lugar onde as cidades eram apenas um tropeço na paisagem, e onde ela tinha certeza de que havia mais vacas do que pessoas. E havia mais ovelhas do que vacas.

E por que ninguém se preocupava com isso?, perguntou a si mesma. As pessoas não temiam o que poderia acontecer se exércitos de animais de fazenda se unissem para promover uma revolta?

Quando a Estrada da Morte finalmente seguiu para longe dos arbustos com gotas de sangue, o mundo se abriu em campos e colinas verdes, muito verdes, estranhamente verdes, contra um céu

cheio de nuvens que não conseguiam decidir se iam virar um temporal ou simplesmente ficar penduradas ali no alto, de forma ameaçadora. E ela sabia que aqueles pontos brancos espalhados pelo verde eram ovelhas e vacas.

Provavelmente discutiam estratégias de guerra.

Ela realmente os viu se reunirem em volta das esquisitas — e, tudo bem, um pouco fascinantes — ruínas de pedra. Lugares altos, semidemolidos e instáveis que talvez tivessem sido castelos ou fortalezas. Aquele era um bom lugar para exércitos de animais de fazenda tramarem suas revoltas.

Talvez aquilo tivesse uma beleza estilo “quadro pendurado na parede”, mas não era natural. Não, corrigiu a si mesma, era *excessivamente* natural. Esse era o problema: natureza demais, espaços abertos demais. Até as casas espalhadas pela paisagem interminável insistiam em se enfeitar com flores. Tudo florescia, cores sobre cores, formas sobre formas.

Ela tinha visto até mesmo roupas penduradas em fileiras, como prisioneiros executados. O ano era 2060, pelo amor de Deus. Será que as pessoas dali não tinham secadoras de roupa em casa?

E por falar nisso... Sim, por falar nisso, onde estava todo o tráfego aéreo? Ela vira alguns teleféricos, mas nem um único dirigível de propaganda tinha surgido do céu inesperadamente, anunciando produtos em promoção.

Não havia metrô, nem passarelas aéreas, nem turistas extasiados dando mole para ladrõezinhos de rua; não havia maxiônibus soltando fumaça, nem taxistas da Cooperativa Rápido xingando.

Por Deus, ela estava com saudades de Nova York.

Ela não se arriscaria a dirigir naquela estrada, nem que fosse para se distrair um pouco, porque, por alguma razão cruel e inexplicável, as pessoas ali insistiam em dirigir do lado errado da estrada.

Por quê?

Ela era uma policial, tinha jurado proteger e servir, e não conseguiria ficar atrás do volante naquelas estradas, verdadeiras armadilhas mortíferas, onde ela provavelmente acabaria ceifando vidas de civis inocentes. E talvez alguns animais de fazenda, para aproveitar a viagem.

Ela se perguntou se eles chegariam ao lugar aonde iam e quais eram as chances de chegarem lá inteiros.

Talvez fosse melhor ela rodar o programa de probabilidades.

A estrada se estreitou novamente, tornou a enclausurá-los, e a tenente Eve Dallas, policial veterana que investigava assassinatos, uma implacável perseguidora de psicopatas, *serial killers* e loucos homicidas, lutou para conter um grito quando a porta no seu lado do carro esbarrou de leve nos arbustos.

O motorista — que já era seu marido havia dois anos e tinha sido a razão de ela ter sugerido aquela parte das férias — tirou a mão do volante para acariciar sua coxa.

— Relaxe, tenente.

— Cuidado com a estrada! Não olhe para mim, olhe para a estrada. Se bem que isso não é uma estrada. É uma trilha. O que são esses malditos arbustos e por que estão aqui?

— O nome é fúcsia. Adoráveis, não acha?

Aquelas flores a faziam pensar em respingos de sangue, possivelmente resultantes de um massacre executado por um batalhão de animais de fazenda.

— Alguém devia mantê-los longe da porra da estrada.

— Acho que eles já estavam aqui antes da estrada.

O sotaque irlandês enfeitava a sua voz de um jeito muito mais atraente do que a estrada que serpenteava pelo campo.

Ela se arriscou a olhar para ele, meio de lado. Ele parecia feliz, notou. Descontraído, contente, muito à vontade com sua jaqueta de couro sobre a camiseta simples, o cabelo preto emoldurando um

rosto incrível (que também era de matar) e seus olhos em um tom de azul tão intenso que faziam o coração doer.

Ela lembrou que eles quase tinham morrido juntos algumas semanas antes, e ele ficara gravemente ferido. Ela ainda se sentia sem ar ao lembrar do instante em que pensou que o tinha perdido.

Mas ali estava ele, vivo e inteiro. Portanto, talvez ela o perdoasse por se divertir à custa dela.

Talvez.

Além disso, a culpa daquilo tudo, no fundo, era de Eve. Fora ela quem tinha sugerido que eles fossem à Irlanda por alguns dias nas férias, no aniversário de casamento, para que ele pudesse visitar a família cuja existência tinha descoberto recentemente. Além do mais, ela já havia estado ali antes.

Só que essa outra viagem tinha sido feita de jetcóptero.

Quando ele desacelerou e entrou no que mal poderia ser chamado de cidade, ela respirou com mais facilidade.

— Estamos quase lá agora — avisou ele. — Esta é Tulla. A fazenda de Sinead fica a poucos quilômetros do povoado.

Ok, eles tinham conseguido chegar até ali. Ordenando a si mesma que se acalmasse, ela passou a mão pelo cabelo castanho repicado.

— Veja, bem ali. O sol está aparecendo.

Ela analisou a mísera abertura em meio às nuvens cinzentas e os raios fracos que a atravessavam.

— Uau, toda essa luz está me cegando.

Ele riu e estendeu a mão para alisar o cabelo que ela acabara de bagunçar.

— Estamos fora do nosso elemento, tenente. Talvez seja bom nos sentirmos longe da rotina de vez em quando.

Ela conhecia a própria rotina. Morte, investigação, a loucura de uma cidade que corria em vez de caminhar, o cheiro de uma central de polícia, a correria e o fardo que era comandar.

Parte disso também se tornara normal para Roarke ao longo dos últimos dois anos, ela refletiu. Ele fazia malabarismos com as atividades dela e com o mundo dele, que consistia em comprar, vender, ser dono e fabricar praticamente todas as coisas que existiam no universo conhecido.

Sua vida tinha começado tão sombria e feia quanto a dela. Rato de rua em Dublin, ela lembrou. Ladrão, cúmplice em golpes, sobrevivente de um pai brutal e assassino. A mãe que ele nunca conheceu não tivera tanta sorte.

A partir disso, ele construiu um império — nem sempre do lado certo da lei.

E ela, policial até a medula, tinha se apaixonado por ele apesar das sombras — ou talvez por causa delas. Porém havia algo mais para ele do que qualquer um dos dois poderia ter imaginado, e esse algo mais morava em uma fazenda além dos limites da pequena cidade de Tulla, no condado de Clare.

— Nós poderíamos ter usado o jetcóptero do hotel para vir até aqui — comentou ela.

— Gosto do passeio.

— Sei que você fala sério, e isso me faz questionar a sua sanidade, meu amigo.

— Vamos pegar um jato quando formos daqui para Florença.

— Não vou reclamar.

— E vamos curtir um jantar à luz de velas em nossa suíte. — Ele olhou para ela com aquele sorriso relaxado e feliz. — A melhor pizza da cidade.

— Agora, sim!

— Vai ser importante para eles essa nossa visita aqui, todos juntos por alguns dias.

— Eu gosto deles — disse ela, sobre a família da mãe de Roarke. — Gosto de Sinead e do resto do pessoal. Férias são uma coisa boa. Eu só preciso entrar no clima e parar de pensar no que

está acontecendo na Central. O que as pessoas fazem aqui nessa terra, afinal?

— Eles trabalham, cultivam a terra, administram lojas, cuidam de casas e da família, vão ao pub para beber e socializar. Viver de forma simples não significa viver insatisfeito.

Ela bufou baixinho.

— Você enlouqueceria aqui.

— Com certeza, e em menos de uma semana. Somos criaturas urbanas, você e eu. Mas consigo admirar as pessoas que vivem do jeito que gostam; gente que valoriza e apoia a comunidade. *Comhar* — ele acrescentou. — Essa é a palavra irlandesa para o que eu descrevi. É muito comum nos condados da região oeste.

Havia bosques agora, como se eles tivessem voltado para a estrada, mas eram lindos — para quem gostava desse tipo de coisa; havia extensões de terras demarcadas e divididas por muros baixos feitos de rochas que, ela imaginava, tinham sido extraídas dos belos campos.

Ela reconheceu a casa assim que Roarke fez uma curva. O lugar conseguia se espalhar para todos os lados e ser aconchegante ao mesmo tempo, enfeitado com flores em um estilo que Roarke tinha chamado de *dooryard*. Se as construções tivessem uma aura, ela imaginou que a daquele lugar seria de *contentamento*.

A mãe de Roarke tinha crescido ali, antes de fugir para as luzes brilhantes de Dublin. Lá, jovem, ingênua e confiante, tinha se apaixonado por Patrick Roarke e dera à luz seu filho. Para depois morrer tentando salvar aquela criança.

Agora sua irmã gêmea cuidava da casa e ajudava a administrar a fazenda com o homem com quem se casara, além dos filhos, dos irmãos e dos pais. Várias gerações pareciam enraizar-se ali, em meio ao verde.

Sinead saiu da casa, o que mostrou a Eve que ela já estava atenta à chegada deles. O cabelo ruivo quase dourado emoldurava

o seu rosto bonito, onde os olhos verdes cintilavam boas-vindas.

Não era a ligação de sangue que colocara tanto carinho em seu rosto, ou nos braços que ela estendia. Era a noção de família. Só o sangue, Eve sabia muito bem, nem sempre significava calor humano e boas-vindas.

Sinead agarrou Roarke em um forte abraço, enquanto murmurava alguma saudação em irlandês. Eve não conseguiu entender as palavras, mas a emoção foi traduzida nos gestos.

Aquilo era amor, claro e verdadeiro.

Quando se virou, Eve se viu presa no mesmo abraço apertado. Isso a fez arregalar os olhos e quase perder o equilíbrio.

— *Fáilte abhaile*. Seja bem-vinda à nossa casa.

— Obrigada. Ahn...

— Entrem, entrem! Estamos todos na cozinha ou nos fundos. Temos comida suficiente para alimentar o exército que na verdade somos. Resolvemos fazer um piquenique, já que vocês trouxeram um tempo tão bom.

Eve olhou de relance para o céu e refletiu que havia gradações na noção de “tempo bom”, dependendo do lugar do planeta onde a pessoa morava.

— Vou pedir a um dos garotos para pegar as malas e levá-las para o seu quarto. Ah, como é bom ver vocês dois! Estamos todos juntos aqui, agora. Todos em casa.

Eles foram alimentados, festejados, cercados e interrogados. Eve conseguiu guardar os nomes e rostos porque imaginou todos eles como suspeitos em um dos quadros de homicídios que sempre montava — até mesmo os que mal andavam ou ainda engatinhavam.

Especialmente aquela figurinha que andava cambaleando e tentava escalar sua perna para ganhar colo.

— Nosso Devin é um mulherengo. — Sua mãe, Maggie, riu muito ao pegá-lo no chão e, com aquele jeito estranho típico de mães,

conseguiu apoiá-lo no quadril sem esforço aparente. — Papai disse que vocês vão à Itália depois daqui. Connor e eu fomos a Veneza em nossa lua de mel. Foi o máximo!

O garoto pendurado em seu quadril balbuciou alguma coisa e saltitou.

— Tudo bem, meu garoto, só porque estamos de folga. Vou pegar mais biscoitos para ele. Vocês também querem?

— Não, obrigada. Estou satisfeita.

Um instante depois, Eve sentiu algo nas costas, entre as omoplatas. Virando-se de lado, viu um garoto olhando fixamente para ela. Reconheceu seus olhos verdes típicos da família Brody, e o sistema solar de sardas em seu rosto. Conhecera-o na viagem que toda a família fizera a Nova York no Dia de Ação de Graças do ano anterior.

— Qual é a sua, garoto? — perguntou ela.

— Estava pensando se você trouxe a sua arma de atordoar.

Eve não estava usando o coldre de ombro, mas prendera a arma de mão no coldre de tornozelo. Velhos hábitos são difíceis de largar, lembrou, mas percebeu que Sinead e o resto das mulheres não gostariam de vê-la mostrando ao garoto a sua arma em um piquenique de família.

— Por que você quer saber? Alguém precisa ser atordoado?

Ele sorriu ao ouvir isso.

— Minha irmã, se você não se importar.

— Qual foi a transgressão dela?

— Ser uma mané. Isso deve ser o suficiente.

Ela sabia o significado daquela palavra, pois Roarke a usava quando falava gírias da sua juventude.

— Em Nova York isso não é motivo suficiente, garoto. A cidade está cheia de manés.

— Acho que vou ser policial só para detonar os bandidos. Quantos você já detonou?

Danadinho sedento por sangue, pensou Eve. Gostava dele.

— Não mais que o necessário. Colocá-los em uma jaula é mais satisfatório do que detoná-los.

— Por quê?

— Dura mais tempo.

Ele refletiu sobre isso.

— Bem, então vou detoná-los e depois colocá-los em uma jaula.

Quando ela riu, ele exibiu outro sorriso largo.

— Não temos malfeitores por aqui, isso é uma pena. Talvez eu volte a Nova York e você possa me mostrar alguns dos seus bandidos.

— Talvez.

— Isso vai ser o máximo! — disse ele, e saiu correndo.

No instante em que ele sumiu, alguém se materializou ao lado dela e colocou uma caneca de cerveja em sua mão. Seamus, ela identificou, o filho mais velho de Sinead. Ela tinha quase certeza.

— Então, o que está achando da Irlanda?

— Somos de Nova York. Estou achando tudo verde — completou, quando ele riu e lhe deu uma cotovelada amigável nas costelas. — Vi muitas ovelhas. E boa cerveja.

— Todo pastor merece uma boa cerveja à noite. Vocês deixaram minha mãe feliz ao aproveitar essa chance de vir até aqui e ficar um pouco com a família. Minha mãe pensa em Roarke como filho dela, agora ela assumiu o lugar da irmã. O que você está fazendo por ela... e por ele... é muito bonito.

— Não é preciso muito esforço para sentar e beber uma boa cerveja.

Ele deu um tapinha na coxa dela.

— É uma longa viagem só para tomar uma cerveja. Devo acrescentar que você virou uma referência para o meu filho.

— Como assim?

— Sean, aquele que estava aqui agora mesmo, interrogando

você.

— Ah. É difícil lembrar quem é filho de quem.

— Claro que é. Desde que visitamos vocês no ano passado, ele desistiu do sonho de ser um pirata espacial. Agora quer ser policial e detonar os caras maus para ganhar a vida.

— Sim, ele me contou.

— A verdade é que ele torce desesperadamente para acontecer algum assassinato enquanto vocês estiverem aqui. Algo que seja horrível e misterioso.

— Isso acontece muito na região?

Ele se sentou e tomou um contemplativo gole de cerveja.

— O último caso de que me lembro foi quando a velha senhora O'Riley quebrou a cabeça do marido com uma frigideira quando ele, mais uma vez, chegou em casa bêbado e cheirando a perfume de outra mulher. Acho que foi um ato violento, mas não exatamente misterioso. E aconteceu uns 12 anos atrás.

— Não há muita ação por aqui para um policial especializado em homicídios.

— Infelizmente para Sean, não. Ele gosta de acompanhar os seus casos e vive procurando informações sobre isso no computador. Sabe esse último mistério? Os assassinatos dos videogames holográficos? O caso lhe proporcionou emoções indescritíveis.

— Ah. — Ela olhou para onde Roarke estava, com o braço de Sinead enlaçando sua cintura. E pensou na lâmina que fora enterrada na lateral do seu corpo.

— Nós temos um filtro de conteúdo adulto no computador, então ele não conseguiu obter os detalhes mais fortes.

— Ah, é? Isso é muito bom.

— O ferimento do meu primo foi muito grave? A mídia não deu detalhes sobre isso. Provavelmente foi ele quem quis assim.

Eve se lembrou do sangue quente de Roarke escorrendo por

entre seus dedos trêmulos quando ela tentou ajudá-lo.

— Foi grave o suficiente.

Seamus assentiu e franziu os lábios enquanto analisava Roarke.

— Ele não herdou muito do pai, então?

— Nada... Pelo menos nas coisas importantes.

Os piqueniques irlandeses, conforme Eve descobriu, duravam muitas horas — tanto quanto os dias de verão na Irlanda —, e incluíam música, dança e muita diversão até bem depois de as estrelas surgirem.

— Nós mantivemos vocês acordados até muito tarde. — Sinead subiu a escada, dessa vez envolvendo com o braço a cintura de Eve.

Eve não sabia exatamente o que fazer quando as pessoas passavam os braços ao redor da sua cintura — a menos que fosse em uma situação de combate... ou Roarke.

— Depois da sua longa viagem, mal lhes demos tempo para desfazer as malas, e nem um minuto de descanso.

— Foi uma festa ótima.

— Sim, foi mesmo. E agora meu Seamus convenceu Roarke a ir para o campo logo de manhã cedo. — Ela apertou Eve levemente. Diante desse sinal, Eve olhou para Roarke.

— É sério, isso? Como assim, “ir para o campo”? Você vai trabalhar na terra? — espantou-se Eve.

— E vou gostar — garantiu Roarke. — Nunca dirigi um trator.

— Espero que diga o mesmo quando estivermos arrastando você para fora da cama às 6h30 — avisou Sinead.

— Ele quase não dorme mesmo — garantiu Eve. — Até parece um androide.

Sinead riu e abriu a porta do quarto deles.

— Bem... Espero que vocês se sintam em casa durante o tempo que vão passar aqui. — Ela olhou em torno do quarto, com seus móveis simples, cores suaves e renda branca nas janelas sob o teto

inclinado.

Flores, em um encantador arranjo de diversas cores e formas, estavam em um vaso sobre a cômoda.

— Se vocês precisarem de alguma coisa, qualquer coisa, estarei no último quarto do corredor.

— Vamos ficar bem. — Roarke se virou para ela e beijou sua bochecha. — Vamos ficar ótimos.

— Nos vemos no café da manhã, então. Durmam bem.

Ela saiu e fechou a porta.

— Por que diabos você quer dirigir um trator? — quis saber Eve.

— Não faço ideia, mas parece a coisa certa a fazer. — Com movimentos lentos, ele tirou os sapatos. — Posso abrir mão do convite se você não quiser ficar sozinha aqui pela manhã.

— Por mim não tem problema. Eu pretendo dormir durante um ano depois dessa cerveja.

Ele foi sorrindo até onde ela estava e passou a mão pelo seu cabelo.

— Foram muitas pessoas para você enfrentar de uma vez.

— Eles são ótimos. Pelo menos depois que a gente descobre sobre o que estão conversando. E eles falam muito de você.

— Eu sou o novo elemento. — Ele beijou sua testa. — *Nós somos* o novo elemento, e eles estão absolutamente fascinados pela minha tira. — Ele a puxou e os dois ficaram abraçados no centro do quarto da linda fazenda, com a brisa da noite vinda da janela, despertando no ar a fragrância das flores. — É uma vida inteiramente diferente, aqui. Um mundo distante.

— O último assassinato na cidade aconteceu há 12 anos.

Ele recuou, balançou a cabeça e riu.

— Confio na sua informação.

— Não fui eu que puxei esse assunto, ok?

— O quê?

— Nada. Isso aqui é muito silencioso. E muito escuro —

acrescentou, olhando para a janela. — Absurdamente quieto e escuro. É de imaginar que acontecessem mais assassinatos.

— Você está pensando em carregar pedras enquanto descansa?

— Eu sei o que esse ditado significa, e ele não faz sentido algum. Mas não. Estou numa boa aqui, com esse silêncio. Mais ou menos. — Ela passou a mão na lateral do corpo dele e acariciou o local do ferimento. — Está tudo bem?

— Tudo ótimo. Na verdade... — Ele se inclinou, provou a boca de Eve e deixou a mão vagar pela pele dela.

— Ei, ei, ei, espere um instante. Isso é estranho.

— Pois para mim é muito natural.

— Sua tia está bem ali... onde foi que ela disse? No fim do corredor. E você sabe muito bem que este lugar não é à prova de som.

— Basta você ficar quietinha. — Ele fez cócegas nas costelas de Eve, e isso a fez dar um pulo e soltar um grito. — Ou não.

— Já não transamos duas vezes hoje de manhã?

— Querida Eve, você é uma romântica incorrigível. — Ele a empurrou de costas na direção da cama que ela já notara que tinha menos da metade do tamanho da cama deles em casa.

— Pelo menos ligue o telão, ou algo assim. Para disfarçar o ruído.

Ele roçou os lábios na bochecha dela e apertou os músculos tensos da sua bunda.

— Não há telões aqui.

— Nenhum telão? — Ela o empurrou e foi examinar as paredes. — Sério? Que tipo de quarto é esse?

— O tipo de quarto que as pessoas usam para fazer sexo e dormir, exatamente o que tenho em mente. — Para provar isso, ele a atirou sobre a o colchão.

A cama rangeu.

— O que foi isso? Ouviu esse barulho? Há um animal de fazenda

aqui dentro?

— Tenho certeza de que eles os mantêm lá fora. Esse ruído é da cama. — Ele arrancou a camiseta dela por cima da cabeça.

Para testar a cama, ela ergueu os quadris e deixou-os cair novamente.

— Ah, para com isso! Não podemos ir em frente com essa cama rangendo. Todo mundo na casa vai saber o que está rolando aqui.

Ele se divertiu e cheirou o pescoço dela.

— Acredito que eles já desconfiam que nós fazemos sexo.

— Talvez, mas é diferente quando a cama grita “oba!”.

Era de surpreender que ele a adorasse?, ele refletiu.

Observando o rosto dela, desceu com o dedo pelo seu seio.

— Vamos fazer sexo de um jeito silencioso e casto.

— Se o sexo é casto, não está sendo feito do jeito certo.

— Boa observação. — Ele sorriu para ela, segurando-lhe os dois seios e colocando os lábios de leve sobre um dos mamilos. — Veja só isso — ele murmurou. — Toda minha por mais duas semanas maravilhosas.

— Agora você está tentando me desarmar. — Em seguida, devidamente desarmada, ela estendeu a mão e passou os dedos pelo cabelo dele.

Ele era dela, pensou.

— É bom estar aqui. — Ela pegou a camiseta de Roarke pela barra e repetiu o gesto dele ao puxá-la por cima de sua cabeça. Colocou mais uma vez a palma da mão sobre o ferimento que ainda cicatrizava. — Já que estamos aqui, vamos esquecer todo o resto. Estar aqui é bom.

— Tem sido uma jornada interessante desde o início.

— Eu não me arrependo de nenhum trecho da viagem. — Ela pousou as mãos nas laterais do rosto dele e o levantou até seus lábios se encontrarem. — Nem mesmo dos mais atribulados.

Quando ele se abaixou sobre ela, sentiu-se sugado e suspirou.

Com os olhos fechados, ela passou as mãos pelos belos e fortes músculos das costas dele, deixando a forma e o cheiro de Roarke penetrarem naqueles lugares dentro dela que sempre estavam à espera. Sempre abertos e prontos para dar as boas-vindas.

Ela virou a cabeça, tornou a encontrar os lábios dele; manteve-os ali por mais tempo e de um jeito mais profundo... em um fluxo tão suave e doce quanto o ar da noite.

A cama deu outro rangido enferrujado e a fez rir. E mais um quando ela se colocou por cima.

— Deveríamos tentar o chão.

— Na próxima, sim — concordou ele, e isso a fez rir de novo. E a fez suspirar também. E aqueceu todos aqueles lugares onde ele sempre era bem recebido.

E depois, quando eles se aconchegaram, saciados e sonolentos, ela se aninhou e disse:

— Oba!

Ela acordou ainda na penumbra e se ergueu na cama.

— O que foi isso? Você ouviu? — Nua, ela saltou da cama para pegar a arma que deixara na mesinha de cabeceira.

— Ouviu, agora? Tornou a acontecer! Que língua é essa?

Na cama, Roarke se virou de barriga para cima.

— Acho que esse idioma é conhecido como “galo”.

Com a arma ao lado dela, Eve olhou, boquiaberta.

— Você está brincando comigo?

— Nem um pouco. É de manhã, ou quase, e isso é um galo saudando o amanhecer.

— Um... *galo*?

— Eu diria que sim. Não creio que Sinead e o marido dela queiram que você atordoe o galo deles, mas devo dizer, tenente,

que a imagem que tenho de você nua por este ângulo é fascinante.

Ela soltou um suspiro e baixou a arma.

— Meu Deus, isso aqui até parece outro planeta. — Ela deslizou de volta para a cama. — E se você tiver a mesma ideia do galo e fizer o seu pinto levantar para cantar e saudar o amanhecer, lembre-se de que estou armada.

— Por mais interessante que seja a ideia, acho que este é o meu chamado para trabalhar. Embora eu preferisse agarrar minha esposa em vez de guiar um trator, eles estão à minha espera.

— Divirta-se. — Eve rolou de bruços e colocou o travesseiro sobre a cabeça.

Galos cantando, pensou, apertando os olhos com força. E... Deus do céu, será que aquilo era uma vaca? Mugindo de verdade? Será que aqueles bichos estavam perto demais da casa?

Ela levantou o travesseiro alguns centímetros e estreitou os olhos para enxergar melhor e se assegurar de que a arma continuava à mão.

Como diabos uma pessoa conseguiria dormir com todos aqueles mugidos, cantorias de galo e só Deus sabe o que mais acontecia lá fora? Aquilo era simplesmente assustador, isso sim. O que eles estariam dizendo um para o outro? E por quê?

Será que era por causa da janela aberta? Talvez fosse melhor ela se levantar para...

A próxima imagem que ela viu foi a luz amarela do sol.

Conseguira dormir, afinal, apesar de ter tido um inquietante sonho com animais de fazenda; todos eles vestindo uniformes militares.

Seu primeiro pensamento do dia foi “café”, mas isso foi antes de se lembrar de onde estava, e nem disfarçou o palavrão. Eles bebiam *chá* ali, e ela não imaginava como conseguiria enfrentar o dia que tinha pela frente sem uma boa dose de cafeína.

Arrastou-se para fora da cama e olhou ao redor com uma

expressão vazia. Viu a manta aos pés da cama e o aparelho de mensagens sobre ela. Pegou o aparelho e o ligou.

“Bom dia, tenente. Caso você ainda esteja meio adormecida, o chuveiro é no fim do corredor, porta da esquerda. Sinead disse para você descer para tomar o café da manhã assim que acordar. Pelo visto, vamos nos encontrar agora só por volta do meio-dia. Sinead vai levá-la aonde nós estivermos. Ela vai cuidar bem da minha tira.”

— Aqui não há bandidos, lembra? — perguntou ela ao aparelho.

Vestiu o roupão e, após um momento de indecisão, enfiou a arma no bolso. Era melhor colocá-la ali, decidiu, do que deixá-la no quarto.

E lamentando a ausência do café, saiu decidida a terminar de acordar debaixo do chuveiro.

Capítulo Dois

Quando ela saiu do banho, a cama estava feita e o quarto, arrumado. Será que eles tinham andróides ali?, pensou, e decidiu que tinha sido esperta ao levar a arma para o banheiro.

Se eles tinham andróides, por que não um AutoChef no quarto? Um que tivesse café no cardápio? Ou um telão para ela poder ver as notícias sobre os crimes internacionais e saber o que estava acontecendo em casa.

Adapte-se, ordenou a si mesma ao se vestir, enquanto alguns pássaros gorjeavam como cucos sem parar, literalmente entrando e saindo pela janela. Ali não era Nova York... nem de longe. E ela certamente estava acumulando pontos na coluna de boa esposa a cada minuto.

Passou os dedos pelo cabelo úmido — não havia tubo de secar corpo na casa — e se considerou pronta para o dia, apesar de tudo.

No meio do caminho, ouviu mais música... mas era uma voz humana, bonita e brilhante, que cantava alegremente sobre o amor. E ao entrar no corredor a caminho da cozinha, jurou ter sentido no ar um aroma de café, irresistível como um canto de sereia.

A esperança a aqueceu por dentro, mas ela disse a si mesma que aquilo não passava de uma lembrança dos sentidos. Mas o

cheiro a pegou com mais força e a atraiu como um anzol pelo resto do caminho.

— Oh, graças a Deus! — Ela não percebeu que tinha exclamado isso em voz alta até Sinead se virar do fogão e sorrir para ela.

— Bom dia! Espero que você tenha dormido bem.

— Sim, obrigada. Isso é café de verdade?

— É, sim, Roarke mandou para nós. É um café especial, do tipo que você mais aprecia. Foi aí que eu me lembrei do quanto você gosta disso.

— É mais um caso de “necessidade desesperada”.

— Preciso de uma xícara de chá bem forte de manhã, para me sentir humana.

Sinead entregou a Eve uma caneca marrom muito pesada. Ela usava uma calça cor de farinha de aveia e uma camisa azul-clara com as mangas dobradas até os cotovelos. Uma espécie de alfinete articulado afastava seu cabelo do rosto e o prendia na parte de trás da cabeça.

— Sente-se e ligue o motor do corpo.

— Obrigada. De verdade.

— Os homens saíram, foram cuidar das máquinas, então você pode tomar seu café da manhã com tranquilidade. Roarke me disse que você ia querer um café irlandês completo.

— Ahn...

— Eu prefiro o que chamamos de porção civilizada — disse Sinead, com um sorriso curto. — Nada daquele monte de comida que os homens costumam consumir.

— Estou numa boa só com o café. Você não precisa se preocupar.

— Eu gosto de me preocupar com essas coisas. Fico realmente feliz. As carnes já estão prontas, só falta esquentar. Não levará nem dois minutos para preparar todo o resto. É bom ter companhia na cozinha — acrescentou, voltando-se para o fogão.

Era estranho, pensou Eve. Era muito estranho sentar ali e assistir a alguém cozinhando. Ela imaginou que Summerset, o mordomo sargento de Roarke, fazia aquilo muitas vezes enquanto abastecia os AutoChefs.

Mas ficar na cozinha, especialmente em companhia de Summerset, estava na sua lista dos dez piores pesadelos.

— Eu soube que o macho acordou você.

Eve engasgou com o café.

— O quê?

— Não esse tipo de macho. — Sinead lançou um olhar brincalhão por cima do ombro. — Mas se isso também aconteceu, bom para você. Estou falando do galo.

— Ah, certo. Sim. Isso acontece todas as manhãs?

— Chova ou faça sol, se bem que já estou tão acostumada que nem presto atenção na maioria dos dias. — Ela quebrou alguns ovos na frigideira. — Deve ser como o barulho do trânsito para você. Um som que simplesmente faz parte do mundo em que vive.

Ela olhou para trás novamente enquanto a comida chiava.

— Estou feliz por vocês terem resolvido ficar mais uma noite, pois teremos um dia bonito e ensolarado para valorizar mais essa viagem e o presente que você preparou para Roarke. Pensei em levar você até onde ele está um pouco mais cedo, para dar uma olhada no lugar antes de Seamus o trazer de volta.

— As fotos que você enviou me deram uma ideia de como ficou, mas seria bom ver o lugar em primeira mão. Agradeço muito tudo que você fez para cuidar disso, Sinead.

— Significa muito para mim e para a família. Isso é mais que um grande presente de aniversário, Eve. Muito, muito mais.

Ela tirou um prato do forno e serviu os ovos, batatas fritas e um tomate pequeno cortado ao meio.

— E aqui está o pão integral, preparado agora de manhã — disse ela, colocando o prato e um pote de manteiga na frente de

Eve, para em seguida tirar o pano que cobria a metade de um pão.

— O cheiro está bom — elogiou Eve.

Com um sorriso, Sinead serviu o café, trouxe uma caneca de chá para a mesa e esperou até Eve provar tudo.

— O gosto é ainda melhor, e olha que sempre fui exigente quando se trata de café da manhã.

— Excelente, então. Gosto de alimentar as pessoas, de cuidar delas. E gosto de pensar que tenho um talento natural para isso.

— Eu diria que você tem, sim.

— Todos nós devíamos ter a sorte de fazer o que gostamos, algo em que somos talentosos. O seu trabalho lhe proporciona isso.

— Verdade.

— Eu não consigo me imaginar fazendo o que você faz, e suponho que você não consiga se imaginar com a vida que levo aqui. No entanto, aqui estamos nós, sentadas juntas à mesa da cozinha, compartilhando a manhã. O destino é uma coisa estranha e, neste caso, generoso. Devo lhe agradecer por vocês terem vindo até aqui para passar esses preciosos dias de suas férias conosco.

— Estou comendo bem e tomando um café maravilhoso. Não é exatamente um sacrifício.

Sinead estendeu o braço sobre a mesa e tocou a mão de Eve por breves segundos.

— Você tem poder sobre um homem poderoso. O amor dele por você lhe dá esse poder, embora eu suspeite que existam alguns momentos em que vocês brigam como gatos.

— Mais do que em alguns momentos.

— Ele está aqui agora, provavelmente dirigindo um trator pelo campo em vez de descansar em um terraço exuberante em um lugar exótico, bebendo champanhe no café da manhã. E tudo isso porque você quis isso para ele. Porque você sabe que ele precisa dessa conexão e, na mesma medida, precisa muito que você compartilhe isso com ele.

— Você deu a Roarke algo que ele não sabia que queria ou precisava. Se você não tivesse feito isso, não estaríamos aqui sentadas nesta cozinha, compartilhando a manhã.

— Sinto falta da minha irmã todos os dias.

Ela desviou o olhar por um momento.

— Irmãs gêmeas — ela completou, num murmúrio. — Esse é um vínculo mais íntimo do que consigo explicar. Com Roarke, tenho uma parte dela que nunca pensei em reivindicar, e sou como a mãe dele, agora. Ele tem o meu coração, como eu sei que tem o seu. Quero que sejamos amigas, você e eu. Quero pensar que vocês voltarão aqui de vez em quando, ou nós iremos até vocês. Quero que essa conexão se torne ainda mais forte com o tempo, mais verdadeira... e que os laços que se formaram entre mim e você não existam apenas por causa do homem que amamos.

Eve não disse nada por um momento, enquanto tentava ordenar seus pensamentos.

— Muita gente teria culpado Roarke pelo que aconteceu.

— Ele era um bebê.

Eve balançou a cabeça.

— No meu mundo, as pessoas culpam, ferem, mutilam e matam por todos os tipos de razões ilógicas. O pai dele assassinou a sua irmã. Patrick Roarke usou e abusou dela, traiu-a e, por fim, a matou. Ele a tirou de você. Algumas pessoas distorceriam a situação e enxergariam Roarke como a única coisa que sobrou daquela perda, ou até mesmo a razão da perda. Quando ele soube o que tinha acontecido... Quando descobriu sobre sua mãe depois de uma vida acreditando em uma mentira, ele veio procurar você. E você não o renegou, não o culpou nem o castigou. Você o trouxe para a sua casa e lhe ofereceu conforto quando ele mais precisava.

“Eu não faço amigos com facilidade, não sou muito boa nisso. Mas só essa razão já seria o suficiente para sermos amigas, então acho que existem, entre nós, todos os elementos para uma

amizade.”

— Ele tem sorte por ter você.

Eve comeu mais uma garfada de ovos mexidos.

— Você está coberta de razão.

Sinead segurou a caneca nas duas mãos enquanto ria.

— Ela ia gostar de você. Siobhan.

— É mesmo?

— Sim. Ela gostava de tudo que era brilhante e ousado. — Virando-se um pouco, Sinead se inclinou para a frente. — Agora, só entre nós, me conte todos os detalhes terríveis deste último assassinato que você resolveu. Os detalhes que a mídia não divulga.

Pouco antes do meio-dia, Eve estava no pequeno parque com as mãos nos quadris, analisando o equipamento. Ela não sabia nada sobre parques infantis, mas aquele parecia muito bom. Em torno dos brinquedos onde as crianças se balançavam, subiam, atravessavam túneis e seja lá o que diabo costumavam fazer, havia muitos canteiros de flores, árvores jovens e verdes.

Uma cerejeira, uma versão jovem da que Sinead tinha plantado em sua fazenda em memória da irmã, parecia altiva, graciosa e doce perto de um pequeno pavilhão. Bancos de jardim estavam espalhados aqui e ali, onde ela imaginava que os pais pudessem respirar um pouco em paz enquanto as crianças corriam soltas.

Uma bonita fonte de pedra gorgolejava perto de uma casa minúscula com mobília reduzida e uma varanda coberta. Perto dali, no que Sinead chamava de campo de futebol, havia algumas arquibancadas, uma espécie de quiosque para servir lanches e um prédio maior onde os jogadores podiam se vestir.

Havia caminhos por todo o parque, embora alguns deles ainda não levassem a lugar algum. O trabalho não estava concluído, mas

ela tinha que dar a Sinead e a toda a família o devido reconhecimento pelo que já tinha sido construído.

— Isso tudo ficou fantástico! — empolgou-se Eve.

Sinead soltou um longo suspiro de alívio.

— Eu estava muito nervosa de não termos feito as coisas como você esperava.

— Isso é mais do que eu poderia ter imaginado ou feito. — Ela se aproximou dos balanços, parou e olhou para baixo enquanto batia com a bota no piso macio.

— É material de segurança — informou Sinead. — As crianças caem o tempo todo, e isso as protege.

— Excelente. Tudo me parece... divertido — declarou Eve. — Muito bonito e bem projetado, mas principalmente parece divertido.

— Trouxemos algumas das nossas crianças para testar tudo, e posso lhe garantir que eles se divertiram muito.

A brisa constante bagunçou o cabelo que Sinead tinha soltado quando ela — com as mãos nos quadris — girou o corpo para analisar tudo em volta.

— As pessoas no vilarejo não falam de outra coisa. É tudo adorável. Simplesmente lindo.

— Se ele não gostar eu vou dar um chute na bunda dele.

— Eu seguro o seu casaco enquanto você faz isso. Olha, lá vêm eles. — Sinead ergueu o queixo quando viu o caminhão. — Vou afastar um pouco o meu grupo para que você possa dar esse presente a Roarke em particular.

— Obrigada.

Eve não se sentia confortável com presentes na maior parte das vezes, fosse para dar ou para receber. E neste caso ela estava um pouco nervosa por ter se envolvido demais com o projeto. O que parecia ser uma boa ideia na ocasião — em novembro do ano anterior, durante a visita de Sinead a Nova York — tinha se tornado mais intrincado e complexo. Eve se preocupava com a possibilidade

de tudo aquilo não ser muito apropriado.

Presentes, aniversários de casamento, família... A experiência dela era limitada em todas essas questões.

Ela o viu caminhando em sua direção, alto e esguio, de jeans. Usava botas, uma camisa azul desbotada com as mangas dobradas até os cotovelos, e tinha os grossos e sedosos cabelos presos na altura da nuca, como fazia quando trabalhava. Dois anos de casados, ela pensou, e ele ainda conseguia fazer o coração dela disparar.

— E então, vai desistir de todo o resto para virar fazendeiro? — perguntou ela, em voz alta.

— Acho que não, embora tenha me divertido por algumas horas. Eles têm cavalos aqui. — Ele parou e se inclinou para beijá-la quando chegou perto. — Você poderia dar uma cavalgada. — Deslizou a ponta do dedo até a covinha em seu queixo quando ela lhe lançou um olhar sem expressão. — Você vai curtir mais do que a cavalgada holográfica que experimentou recentemente, naquela batalha.

Eve se lembrou da velocidade e do poder do cavalo holográfico e achou que, na verdade, poderia até curtir. Mas tinha planos diferentes para aquele momento.

— Eles são maiores que vacas, mas não me parecem tão esquisitos.

— Certamente. — Ele olhou ao redor e os nervos dela começaram a se retesar de expectativa. — Você está a fim de mais um piquenique? Este é um lugar perfeito para isso.

— Você gostou daqui?

— É encantador. — Ele pegou a mão dela e Eve sentiu o aroma de campo que exalou dele. Um cheiro de mato. — Quer que eu empurre você no balanço?

— Talvez.

— Nenhum de nós teve muito disso quando éramos crianças,

não é verdade? — Com a mão dela enlaçada à sua, ele começou a caminhar. — Eu não sabia que havia um parque aqui. É um local agradável, pertinho da aldeia, mas longe o bastante para fazer tudo parecer uma aventura. As árvores são jovens, então suponho que o espaço seja novo, e ainda não está completo — acrescentou, observando os equipamentos de escavação cobertos por uma lona.

— Pois é, tudo isso ainda precisa de algum trabalho. — Ela o guiou ao redor do espaço e seguiu, da forma mais sutil que conseguiu, até o lugar além da pequena casa, junto da fonte gorgolejante.

— Em um dia bonito como este, estou surpreso de não haver crianças por aqui.

— Ainda não foi oficialmente inaugurado — explicou Eve.

— Temos todo esse espaço só para nós, então? Sean veio conosco. Ele provavelmente vai adorar brincar aqui.

— Acho que sim. — Ela achou que Roarke ia olhar para a fonte, mas devia imaginar que ele ficaria mais interessado no equipamento, provavelmente especulando sobre o que ainda faltava ser feito. — Pois é... e tem mais uma coisa.

— O quê? — Ele olhou para ela.

— Deus! — Frustrada, ela girou o corpo dele e o empurrou na direção da placa que havia na fonte.

PARQUE EM MEMÓRIA DE SIOBHAN BRODY HOMENAGEM DE SEU FILHO

Como ele não disse nada, ela enfiou as mãos nos bolsos e explicou:

— Então é isso... Feliz aniversário de casamento, apesar de ainda faltarem alguns dias.

Ele a fitou longamente com aqueles maravilhosos olhos azuis selvagens. E simplesmente balbuciou o nome dela:

— Eve.

— Tive essa ideia quando os irlandeses invadiram nossa casa no outono do ano passado, e conversei sobre meus planos com Sinead. Ela e o resto da família concordaram com tudo. Basicamente eu só enviei o dinheiro para eles. Droga, na verdade o dinheiro é seu, já que usei a grana que você depositou na minha conta quando nos casamos. Portanto...

— Eve — repetiu ele, e puxou-a para junto dele, pressionando o rosto contra o seu cabelo.

Ela o ouviu respirar fundo lentamente para em seguida relaxar, embora os seus braços ainda a apertassem com força.

— Então você gostou?

Ele não falou por um momento, apenas ficou acariciando as costas dela de cima a baixo.

— Que mulher você é! — murmurou, e ela percebeu a emoção e a forma como o sotaque irlandês apareceu com mais força em sua voz. E viu muita emoção naqueles olhos vívidos quando ele recuou. — Que mulher fantástica por pensar nisso. Por fazer isso.

— Sinead e os outros é que fizeram o trabalho pesado. Eu apenas...

Ele balançou a cabeça e a beijou. Foi um beijo parecido com a respiração de surpresa: longo e silencioso.

— Eu não conseguiria lhe agradecer o bastante. Não existe um “muito obrigado” que transmita o que sinto. Eu não conseguiria expressar o quanto isso significa para mim, nem mesmo para você, que me conhece bem. Faltam-me palavras. — Ele pegou as mãos dela e as levou aos lábios. — *A ghra* — disse, em idioma celta. — Você me deixou desorientado.

— Então é uma coisa boa.

Ele segurou o rosto dela com as mãos e tocou sua testa com os lábios, em seguida disse alguma coisa em irlandês.

— Não entendi nada — avisou Eve.

Quando ele sorriu, ela se iluminou.

— Eu disse que você é a batida do meu coração, a respiração no meu corpo, a luz na minha alma.

Comovida e emocionada, ela segurou os pulsos dele.

— Mesmo quando sou um pé no saco?

— Particularmente nessas horas. — Ele se virou para estudar a placa. — É adorável. Simples e linda.

— Bem, você é um cara simples.

Ele riu, exatamente como ela esperava.

— Eu passei a conhecê-la um pouco através da família — disse Roarke. — Isso significaria muito para ela. Um lugar seguro para as crianças brincarem — completou, olhando em volta mais uma vez. — Para as famílias virem. Jovens que se sentam na grama enquanto fazem o dever de casa e ouvem música. Ou jogam bola no campo.

— Eu não entendo por que eles chamam esse espaço de campo de futebol, porque isso não é futebol americano, é algum outro esporte estranho. Não é beisebol, com certeza. As pessoas daqui não fazem ideia do que seja beisebol de verdade, o que é uma pena para elas.

Ele riu de novo, pegou a mão dela e a balançou com força.

— Devemos chamar o resto do pessoal, e você poderá me mostrar tudo o que falta.

— Claro.

O garoto correu para o parquinho no segundo em que recebeu sinal verde, e se pôs a subir em escadas, se pendurar em barras e se balançar em mastros como um macaco cheio de sardas.

Eve refletiu que aquilo era um sinal de aprovação do espaço.

Em pouco tempo, Sinead e o resto da família arrumaram comidas em mesas de piquenique, de onde os cães foram expulsos.

Quando Sinead se aproximou para se sentar na borda da fonte, Roarke a seguiu e se sentou ao lado dela. Sinead pegou a mão dele

e os dois ficaram ali por algum tempo, em silêncio.

— É bom saber que meus netos e aqueles que vierem depois vão brincar aqui, vão rir, brincar de luta e correr. É maravilhoso que algo bom e duradouro possa advir da tristeza e da perda. Sua esposa conhece o seu coração, e isso faz de você um homem rico.

— Sim. Você dedicou muito do seu tempo para isto.

— Ah, eu tenho tempo de sobra, e foi um presente para mim também. Para meus irmãos, para todos nós. Nossa mãe chorou quando eu contei a ela o que Eve planejava fazer. Foram lágrimas boas. Todos nós derramamos muitas lágrimas de tristeza por Siobhan, então as lágrimas boas limpam tudo. Sua mulher conhece a morte e a tristeza. Essas coisas convivem nela, se movimentam dentro dela e a tornaram sensível. — Ela olhou para ele. — Eve tem um dom, algo de visionário que não surge dos olhos, mas do coração e da alma.

— Ela chamaria isso de instinto, de treinamento, de percepção de policial.

— Não importa o nome que damos a isso, não é verdade? Ah, veja só! — Ela riu e o puxou para junto dela. — Aqui está um amigo que veio para o parque brincar com você.

Confuso, Roarke olhou em volta e sorriu.

— Ora, mas é Brian, vindo de Dublin.

— Achei que você ia gostar de ter um amigo de infância a seu lado em um dia como esse. Vá em frente, pois parece que ele resolveu paquerar sua esposa.

O sorriso de Brian Kelly se iluminou no seu rosto largo e corado quando ele puxou Eve e quase a afogou em um abraço.

— Ah, tenente Querida! — Ele deu um beijo entusiasmado em sua boca. — No minuto em que você estiver pronta para jogar Roarke para o alto, eu estarei a sua espera.

— É sempre bom ter alguém de reserva — reagiu Eve.

Ele soltou uma risada exagerada e colocou um braço sobre os

ombros dela enquanto Roarke caminhava na direção dos dois.

— Vou lutar com você por ela — avisou a Roarke. — E não vai ser uma luta limpa.

— Quem poderia culpá-lo?

Ele riu e soltou Eve para dar a Roarke a mesma saudação entusiasmada — um abraço e um beijo esmagadores.

— Você sempre foi um canalha sortudo.

— É bom ver você, Brian.

— Sua tia teve a gentileza de me convidar. — Ele recuou e olhou em torno do parque. — Veja só, isso é um espetáculo! Não é fantástico?

Eve olhou para baixo quando Sean puxou sua mão com força.

— Que foi?

— Os cães fugiram para dentro da floresta, bem ali.

— Ok.

— Eles não voltaram quando chamei e continuaram latindo.

— E daí?

Ele revirou os olhos para ela.

— Ora, você é detetive, não é? Eu não tenho permissão para entrar lá sozinho, então você tem que ir comigo para procurá-los.

— Ah, tenho?

— Sim, claro — disse ele, com naturalidade. — Eles podem ter encontrado algo. Um tesouro, talvez, ou uma pista para um mistério.

— Ou um esquilo.

Ele olhou para ela com ar sombrio.

— Você não pode saber até descobrir o que é.

Brian se ofereceu.

— Eu posso fazer essa caminhada para esticar as pernas, depois da viagem de carro de Dublin. E posso encontrar um bom uso para esse tesouro.

Sean sorriu para Brian.

— Tudo bem, nós dois vamos, mas ela tem que vir também. Ela

está no comando, já que é tenente.

— Parece justo — concordou Brian. — Que tal uma expedição de busca e resgate? — perguntou a Roarke.

— Vou mostrar o caminho para vocês! — O menino correu na frente.

— Venha, tenente. — Roarke tomou a mão de Eve. — Você está no comando. Como vão as coisas no pub, Brian?

— Ah, tudo na mesma. Eu sirvo as cervejas, escuto as fofocas e as desgraças. — Ele piscou para o amigo por cima da cabeça de Eve. — Agora eu só quero tranquilidade na vida.

— Como se diz “papo furado” em irlandês? — perguntou Eve.

— Ora, tenente Querida, agora eu me aposentei daquela vida e dos caminhos perigosos nos quais este cara aqui me colocou na nossa juventude. Quando vocês voltarem a Dublin, espero que logo, verão por si mesmos. Pode deixar que tudo que vocês beberem vai ser por minha conta.

Eles caminhavam com descontração, mas o garoto corria de um lado para outro, insistindo para que se apressassem. Eve ouvia os cães agora, latindo alto, excitados e insistentes.

— Por que os cães estão sempre correndo em busca de algo para farejar, fazer xixi ou perseguir?

— Todo dia é feriado quando você é um cachorro — observou Brian. — Especialmente quando há um menino no meio.

Quando chegaram junto da vegetação mais densa, Eve se rendeu ao destino e resolveu enfrentar a natureza, uma perigosa trapaceira, em sua opinião.

O musgo crescia mais verde nas rochas e nas árvores, e a luz do sol se filtrava e assumia um tom esverdeado ao passar através das folhas. Galhos retorcidos formavam silhuetas estranhas quando se erguiam ou se espalhavam.

— Cuidado com as fadas — brincou Brian, com um sorriso. — Deus, faz muitos anos desde a última vez em que entrei em um

bosque como este. Roarke, você se lembra de quando pegamos uma grana de uns alemães naquele hotel e depois passamos dois dias vagando pelos bosques de Wexford até a coisa esfriar?

— Ei, eu estou bem aqui — lembrou Eve. — Sou policial!

— E havia aquela garota — continuou Brian, sem se abalar. — Ah, pura beleza e sensualidade. Mas não importava o quanto eu tentava atraí-la, ela só tinha olhos para você.

— Mais uma vez, lembre-se de que estou bem aqui. Estamos casados!

— Isso foi há muito tempo e num lugar muito distante.

— Você perdeu metade da sua parte do golpe no jogo de dados, antes de sairmos de lá — Roarke lembrou a ele.

— É verdade, mas foi divertido.

— Onde está o garoto? — Eve parou de repente.

— Ele correu um pouco mais à nossa frente — disse Roarke. — Está curtindo a aventura.

Eles o ouviram gritar.

— Aí estão vocês, seus bobões!

— Ele encontrou os cães.

— Ótimo, agora pode trazê-los de volta ou sei lá. — Ela ficou onde estava, observando o espaço em torno deles. — Vocês também estão assustados com esse lugar ou sou só eu?

— Só você, querida. — Roarke se preparou para chamar Sean de volta, quando ouviu o som de alguém correndo. — Aí vem ele.

O garoto surgiu na trilha e suas sardas se destacaram no rosto muito pálido e nos olhos enormes.

— Você tem que vir até aqui.

— Um dos cães se machucou? — Roarke avançou, mas o menino balançou a cabeça e agarrou o braço de Eve.

— Depressa, você tem de ver.

— Ver o quê?

— Ela. Os cães a encontraram. — Ele puxou Eve, tentando

arrastá-la. — Por favor, é terrível. Ela está morta de verdade.

Eve pensou em dizer algo reprovador, mas o pavor nos olhos de Sean matou o seu mau humor e lhe despertou o instinto. O garoto não estava tendo uma aventura inofensiva agora.

— Mostre-me.

— Deve ser um animal — garantiu Brian. — Ou um pássaro. Cães sempre encontram bichos mortos.

Mas Eve deixou Sean guiá-la para fora da trilha acidentada, através das moitas e por cima das rochas cobertas de musgo, até onde os cães estavam sentados, quietos agora, embora trêmulos.

— Ali.

Sean apontou, mas Eve já tinha visto.

O corpo estava de barriga para baixo, e um sapato de salto alto estava quase saindo do seu pé direito. O rosto lívido coberto de hematomas estava virado para ela, os olhos vidrados e sem vida sob a fraca luz verde que a envolvia.

O garoto estava certo, pensou. Ela estava morta de verdade.

— Não! — Ela o puxou de volta quando ele deu mais um passo à frente. — Você já chegou perto demais. Mantenha os cães longe daqui. Eles já comprometeram a cena.

Sua mão automaticamente tentou ligar a filmadora, que não estava na lapela. Então ela gravou tudo mentalmente.

— Não faço ideia de para quem devo ligar aqui.

— Deixe que eu descubro. — Roarke pegou o *tele-link* no bolso. — Brian, leve Sean e os cachorros de volta, sim?

— Não! Quero ficar aqui. — Sean cerrou os punhos ao lado do corpo. — Fui eu que a encontrei, então devo ficar com ela. Alguém a matou. Alguém a matou e a deixou aqui sozinha. Eu a encontrei, então preciso cuidar dela agora.

Antes que Roarke pudesse se opor, Eve se virou para o menino. Ela pensou em simplesmente dispensá-lo, mas algo naquele rosto jovem e sardento a fez mudar de ideia.

— Se você ficar, vai ter que fazer tudo que eu mandar.

— Você está no comando.

— Isso mesmo. — Pelo menos até os policiais locais chegarem.

— Você tocou nela? Não minta, isso é importante.

— Eu não toquei, juro. Segui os cães e cheguei até aqui. Foi então que eu a vi e tentei gritar, mas... — Ele corou um pouco. — Eu não consegui fazer o som sair da minha garganta. Mandeí que os cães se afastassem dela e ficassem sentados, à espera.

— Agiu certo. Você a conhece?

Ele balançou a cabeça devagar, solenemente, de um lado para o outro.

— O que nós fazemos agora?

— Você já garantiu a integridade da cena, então nós a manteremos protegida até a polícia chegar.

— Você é a polícia.

— Eu não tenho autoridade aqui.

— Por quê?

— Porque esta cidade não é Nova York. Onde fica a estrada mais próxima deste lugar?

— Aqui não é muito longe da estrada que passa pela porta da minha escola — afirmou ele. — Às vezes nós cortamos caminho por aqui, quando estou com meus primos mais velhos: e vínhamos por esse caminho quando eles ainda estavam montando o parquinho.

— Quem mais costuma vir aqui?

— Eu não sei. Qualquer um que queira.

— Garda está vindo — avisou Roarke.

— Sean, me faça um favor e leve Roarke até a estrada que você me disse que fica mais ou menos por ali. Vou ficar com ela — garantiu, antes que ele tentasse impedi-la. — Quero saber quanto tempo leva para ir daqui até a estrada.

— Isso é uma pista?

— Pode ser.

Quando eles estavam fora do alcance da voz, Eve disse:

— Que merda!

— E como! — concordou Brian. — Ela é jovem, eu acho.

— Vinte e poucos anos. Mais ou menos um 1,65 metro, 55 quilos. Sexo feminino, pele escura, cabelo loiro com mechas azuis e vermelhas, olhos castanhos, tatuagens na parte interna do tornozelo esquerdo... um pequeno pássaro... e nas costas, junto ao ombro direito... um sol flamejante. Sobrancelhas e nariz furados, vários piercings nas orelhas. Ela é moradora de alguma cidade grande. Ainda está com os anéis e os piercings... tem anéis em três dedos.

— Bem, não posso dizer que reparei em tudo isso, mas vejo que você está certa. Como ela morreu?

— Meu melhor palpite, com base nas marcas roxas, é que ela sofreu estrangulamento... mas foi espancada antes. Está completamente vestida, mas pode ter havido abuso sexual.

— Pobre garota. Um fim duro para uma vida curta.

Eve não disse nada, mas pensou que o assassinato era sempre um fim duro, não importava se a vida era curta ou longa. Ela se virou quando ouviu Roarke e o garoto voltando.

— É apenas uma caminhada de dois minutos até a estrada, e a trilha está limpa. A iluminação pública certamente é acesa depois de anoitecer, já que o local fica perto da escola. — Ele esperou um momento. — Eu poderia montar um kit de trabalho improvisado para você, sem muita dificuldade.

Ela estava doida para aceitar a oferta.

— Aqui não é o meu lugar, e não é o meu caso.

— Mas *nós* a encontramos! — argumentou Sean, com considerável teimosia em seu tom de voz.

— Isso nos torna testemunhas.

Mais uma vez, ela ouviu um farfalhar de folhas e passos. Um policial uniformizado apareceu na trilha. Muito jovem, ela reparou, e quase suspirou de tristeza. Ele era quase tão jovem quanto a vítima,

e tinha o rosto franco e corado da inocência.

— Sou o policial Leary — apresentou-se. — Vocês relataram algum tipo de dificuldade aqui? O que aconte... — ele parou e seu rosto ficou no mesmo tom de verde pálido da luz, quando viu o corpo.

Eve o agarrou pelo braço e o puxou um pouco para trás.

— Policial Leary! Você está diante de uma mulher morta e não deve comprometer a cena sujando o lugar.

— Como assim?

— Você faria isso se vomitasse aqui. Onde está o seu oficial superior?

— Eu... o meu... ahn... o sargento Duffy está em Ballybunion com a família, de férias. Ele viajou hoje de manhã. Quem é você? É a policial gringa de Nova York? A tira de Roarke?

— Sou a tenente Dallas, do Departamento de Polícia de Nova York. — Ligue a droga da sua filmadora, Leary — murmurou ela.

— Sim. Desculpe. Eu nunca... Nós não... Não tenho certeza do que devo fazer.

— Você deve registrar o relato das testemunhas, depois deve proteger esta cena e chamar a pessoa responsável pela investigação de homicídios na região.

— Na verdade não há ninguém, quer dizer, não aqui por perto. Vou ter que entrar em contato com o sargento. Nós não costumamos ter isso por aqui. Não aqui. — Ele olhou para ela. — Você poderia me ajudar? Eu não quero fazer algo errado.

— Registre os nomes. Você já tem o meu. Este aqui é Roarke. Este é Brian Kelly, um amigo de Dublin. Este é Sean Lannigan.

— Sim, eu conheço o Sean. Como vão as coisas?

— Fui eu que a encontrei.

— E você está bem, garoto?

— Sean, diga ao policial o que você sabe e o que fez — ordenou Eve.

— Bem... Então, nós estávamos todos no parque lá atrás fazendo outro piquenique, e de repente os cachorros correram para cá. Eles não voltaram e ficaram aqui latindo como loucos. Então pedi à minha prima tenente para vir procurá-los comigo. Todos nós chegamos aqui no bosque e eu fui na frente para descobrir por que os cachorros estavam latindo. Então eu a vi ali, a garota morta. Corri de volta e trouxe a nossa policial para ver.

— Muito bem, bom garoto! — Leary olhou para Eve com ar de quem pede ajuda.

— Nós permanecemos aqui desde a descoberta — afirmou Eve. — Roarke e Sean caminharam até a estrada e voltaram. Os cachorros estiveram andando por toda a cena, como você pode ver pelas pegadas deles no solo mais macio. Você também pode observar algumas pegadas de sapatos, que provavelmente pertencem a quem a colocou aqui, já que nenhum de nós se aproximou mais do que o lugar onde estamos agora.

— Pegadas de sapatos. Sim, estou vendo. Tudo certo. Acho que não reconheço a vítima.

— Ela não é daqui. — Eve rezou por paciência. — É da cidade grande. Tem muitas tatuagens e piercings, usa esmalte néon nas unhas das mãos e dos pés. Olhe o sapato. Ela não entrou aqui usando um modelo desses. Este foi o local da desova.

— Você está querendo dizer que ela não foi morta aqui, e sim trazida para cá?

— Não há sinais de luta aqui. Não há hematomas nos pulsos, nem nos tornozelos, então ela não foi amarrada. Quando alguém soca o seu rosto algumas vezes e tenta sufocar você até a morte, você geralmente luta. Precisa gravar a cena e ligar para o seu médico-legista. Precisa identificá-la e determinar a hora exata da morte. Os animais não a atacaram, então ela não deve estar aqui há muito tempo.

Ele assentiu, continuou balançando a cabeça e então pegou no

bolso um aparelho de registrar impressões digitais.

— Eu tenho este equipamento, mas nunca o usei.

Eve o ensinou a usar e pesquisou tudo.

— A vítima se chama Holly Curlow. Mora... ou morava... em Limerick.

Eve inclinou a cabeça para ler os dados. Vinte e dois anos, solteira, garçonne em um bar. Tinha duas passagens pela polícia por posse de drogas ilícitas. Seu parente mais próximo era a mãe, que morava em um lugar chamado Newmarket-on-Fergus.

Onde é que eles arranjavam aqueles nomes?

— Eu vou... ahn... preciso pegar o outro equipamento. E vou entrar em contato com o sargento. Você se importaria de ficar aqui para proteger a cena? Quer dizer, para *continuar* protegendo? O lugar está uma bagunça e quero fazer o que é certo por ela.

— Sim, eu espero. Você está indo muito bem.

— Obrigado. Voltarei o mais rápido que puder.

Ela se virou para Sean.

— Nós já a identificamos, ok? Vou ficar com ela, mas você precisa voltar. Você e Brian precisam voltar e levar os cães. Deixe todo o resto comigo, agora.

— Ela tem um nome. É Holly. Vou me lembrar disso.

— Você ficou perto dela, Sean. Você a protegeu. Essa é a primeira coisa que um policial deve fazer.

Com uma sombra de sorriso nos lábios, ele se virou para os cães e chamou:

— Vamos, rapazes.

— Deixe que vou cuidar dele. — Brian colocou a mão no ombro de Sean e caminhou ao lado do menino.

Eve se virou e olhou para Roarke.

— Há sempre bandidos, em toda parte.

— É uma lição difícil de aprender para um jovem.

— É difícil em qualquer fase da vida.

Ela pegou a mão de Roarke e ambos ficaram ao lado de uma pessoa morta, como já tinha acontecido antes, inúmeras vezes.

Capítulo Três

Um policial novato, um cadáver e nenhuma autoridade legítima só serviram para aumentar a frustração de Eve. Leary tentou, ela reconhecia que sim, mas ele lutava para navegar por águas que lhe eram totalmente desconhecidas.

Quando ele contou a Eve que a única pessoa morta que vira na vida tinha sido a sua avó, no velório, ela não conseguiu decidir se lhe dava tapinhas consoladores na cabeça ou chutava a sua bunda.

— Eles mandarão uma equipe de Limerick — anunciou ele, passando o peso do corpo de um pé para o outro, enquanto a morta era examinada pelo médico que fazia as vezes de legista. — E meu sargento pode voltar, caso seja necessário, mas por enquanto eu tenho que... levar o caso adiante.